

A influência da memória episódica na compreensão de expressões idiomáticas relacionadas com a violência

Vicente Martins

Rosemeire Monteiro-Plantin

Universidade Federal do Ceará

As crianças, durante o processo de aquisição da linguagem, aprendem e memorizam formas simbólicas de violência através de palavras, frases e fraseologias de sua língua materna. Na fase adulta, recorremos, graças à memória episódica, às expressões idiomáticas em diversos contextos de uso da língua. Como os adultos, então, interpretam as expressões idiomáticas? Que tipo de compreensão as crianças, na primeira infância, têm das expressões idiomáticas do tipo “chutar o pau da barraca”, “entrar no pau”, “meter o pau (em)” e “mostrar com quantos paus se faz uma canoa”? O presente artigo procura responder a estas indagações que inquietam educadores, psicólogos e pais. Dados coletados da fraseologia popular apontam que os significados dados às expressões idiomáticas não são arbitrários, mas têm base metafórica que decorre de esquemas de imagens e movimentos que emergem a partir de nossas experiências corpóreas armazenadas em nossa memória episódica.

1. Introdução

A violência, desde a antiguidade clássica, tem encontrado nas diversas formas de fraseologismos (sentenças, provérbios e expressões idiomáticas), um meio eficiente para difundir valores e idéias de agressividade, ira, coação, opressão e tirania, guerra. Este estudo analisa, à luz da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva, a interpretação dada por adultos e crianças a expressões idiomáticas relacionadas com a violência.

Para este estudo, analisamos dados oriundos de uma pesquisa-piloto, levada a efeito no ano de 2009, na microrregião de Sobral, situada no Noroeste do Estado do Ceará, sob a denominação de “**Corpus de Expressões Idiomáticas de Sobral**” (doravante, CEIS-2009). Durante a evocação livre das expressões idiomáticas, podemos observar um número expressivo dessas unidades fraseológicas relacionadas à agressividade e à violência linguística.

Do ponto de vista conceitual, as expressões idiomáticas, lexicologicamente, são definidas como unidades gráficas, também chamadas icônicas, metafóricas, figuradas, não-composicionais e, por nós, neste artigo, batizadas de **enunciados fraseológicos**. A expressão “enunciados fraseológicos” ou “sintagmas idiomáticos” nos permite analisar as expressões idiomáticas a partir de aportes da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva.

Pensamos, assim, em delimitar estes enunciados idiomáticos em dois tipos: (a) expressões idiomáticas (modismos) e (b) expressões semi-idiomáticas (colocações). Por modismo, entendemos, segundo a acepção de Houaiss e Villar (2009), “locuções próprias de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua de estrutura análoga, geralmente, por ter um significado não dedutível da simples combinação dos significados dos elementos que a constituem”. Por colocações, referimo-nos a combinações de unidades lexicais fixadas na norma linguística ou uma combinação de palavras que se distingue pela sua alta frequência de uso. Neste artigo, não trataremos das colocações.

Na verdade, a definição das expressões idiomáticas tem sido muito mal resolvida pela Lexicologia, linguística, Linguística Cognitiva e pela própria Fraseologia, abrigadas muitas vezes em diferentes abordagens (psico)linguísticas. Para se ter uma idéia de quão é complexa a definição de expressões idiomáticas, lembraríamos que existem muitos termos que abarcam os diversos tipos fraseológicos, como, por exemplo: “expressões fixas”, “unidades fraseológicas” ou “unidades poliverbais”; e, dentro destas denominações genéricas, existem outros diferentes tipos: por um lado, as parêmsias (provérbios, refrões, adágios, aforismos); por outro, as expressões idiomáticas (fórmulas, modismos), e, ainda, as colocações, entre outros termos já bem descritos na literatura.

Os dicionários de linguística mais consagrados no meio linguístico, como a de Dubois et ali(1993), define-nas como frases cristalizadas numa língua cuja combinação ou sintagma tem um caráter **estabilizado**. Para nós, contrastando, brevemente, com as acepções mais “estáveis” e reproduzidas em grande parte pelos dicionaristas, o verbete “expressão idiomática”, no singular ou na sua forma plural, são uma enunciação do ponto de vista linguístico, o que equivale a dizer serem eventos de fala, em que se ressalta o papel dos falantes num dado contexto comunicativo.

Queremos, então, sustentar, recorrendo a Oswald Ducrot (1987), que a expressão idiomática não é, a rigor, uma simples “frase” ou “locução”, “construção que encerra um sentido completo”, prescrita pelos gramáticos, e sim, um **enunciado**, e como tal, definido, por Ducrot, como “manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc* de uma frase.” (p.164, grifo nosso). Assim, as expressões idiomáticas são definidas por nós como “enunciados fraseológicos” que podem ser analisados segundo duas perspectivas.

Na primeira, são, formalmente, enunciados cristalizados e memorizados, isto é, são um produto acabado, fechado em si mesmo. Na segunda perspectiva, nós as vemos, porém, como produto de uma enunciação, no centro em que se inscreve. Qualquer pessoa ou comunidade linguística as evoca ou as repete, em determinados episódios, com intenções determinadas pelo interlocutor, que as compreende ou não (REUTER: 2007, p. 15). As expressões idiomáticas são enunciados presentes nas nossas conversas, urbanas ou rurais, públicas ou privadas, e, sobretudo, estão manifestas nos episódios do nosso cotidiano, através da “memória de eventos”.

Há uma estreita relação entre fraseologia e memória episódica na perspectiva da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva. Desde cedo, o estruturalismo saussuriano já acenava para a presença do fraseologismo em todas as línguas, sejam antigas ou modernas. Levando em conta a recorrência desse fato linguístico, o franco-suíço Ferdinand de Saussure, em seu **Curso de Linguística Geral** (1995), cuja primeira edição é datada de 1916, traz no Capítulo V (Relações sintagmáticas e relações associativas), especialmente o §2, uma seção sobre “relações sintagmáticas” em que estabelece as bases conceituais do que denominamos hoje de fraseologia, ramo linguístico posteriormente aprofundado por seu discípulo Charles Bally.

Interessante observar a contribuição de Saussure, agora revisitado por nós para a elaboração deste artigo, ao ter encontrado nos estudos comparativos das línguas - o que nos leva supor que a língua francesa e o próprio sânscrito sejam contemplados nas suas primeiras postulações ou especulações fraseológicas - uma quantidade significativa de “expressões que pertencem à língua” (SAUSSURE: 1995 [1916], p.144), denominadas, por ele, de **frases feitas**, nas quais, segundo o linguista, o “uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela **reflexão**, as partes significativas” (ibidem, grifo nosso).

Foi graças, também, a Saussure que passamos a ver as expressões idiomáticas como manifestações de uma cultura: “Esses torneios não podem ser improvisados; são fornecidos pela **tradição**” (ibidem, grifo nosso) cuja evocação livre é “possível pela **lembrança** de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua” (grifo nosso) e, ainda, na referida seção sobre os sintagmas, ressalta o Mestre de Genebra a natureza psicológica das “frases e grupos de palavras estabelecidos sobre padrões regulares” por terem, segundo assinalou em sua obra póstuma, uma “base na língua sob a forma de **recordações concretas**” (idem, p.145, grifos nossos).

A expressão saussuriana “recordações concretas”, interpretada por nós como intuições psicolinguísticas que, sob o enfoque cognitivista, podem ser traduzidas como “imagens ou lembranças decorrentes de experiências já vividas” nos aproxima do conceito que temos de memória episódica: “memórias de eventos específicos, lugares ou situações ocorridas no passado”(THOMPSON: 2005, p.511). Aliás, o conceito de imagem acústica aplicado à noção de significante do signo linguístico é, no nosso entendimento, nascedouro da Psicolinguística em plena emergência do estruturalismo.

O fraseologismo, como o concebemos hoje, ao certo, nasceu com a linguística moderna de Saussure e, ao longo dos anos, objeto de atenção de Eugenio Coseriu, em seu “**Linguística del texto**: uma introdução a la hermenêutica del sentido” (2007) que as chamou de “combinações feitas de signos” ou “discurso repetido” (Ibidem, p.201). A afirmação de Coseriu de que as expressões fixas, incluídas, ao certo, as expressões idiomáticas, resultariam de “mera reprodução do já dito”, ouvido ou lido, isto é, quando um usuário recorre à unidade fraseológica, nos seus atos de fala, reproduziria algo que anteriormente já havia dito, o que significa, doutra maneira, que o “**discurso repetido**” está - para tomar uma definição de Richard F. Thompson (2005) - realmente, armazenado na memória de longo prazo do usuário, que tem uma “capacidade e duração ilimitadas” (Ibidem, p.511). As unidades fraseológicas, para Coseriu, são experienciadas por “determinada comunidade linguística” porque “muitos membros as conhecem” (diríamos que os falantes fazem o **reconhecimento idiomático**) e, “inclusive as **sabem de cor**” (p.202, p.202, tradução nossa).

Como dissemos, na introdução deste artigo, operacionalmente, entendemos as expressões idiomáticas como “enunciados fraseológicos” resultantes de uma “enunciação fraseológica”. Como enunciados fraseológicos, as expressões idiomáticas, linguisticamente, são unidades fraseológicas mais usais de uma língua numa dada sincronia. Para construção dessa definição, recorremos a posições teóricas da fraseodidática como as de Maria Luisa Ortiz Alvarez (2002); Stella E. Tagnin (2005); Gretel Eres Fernández et ali (2004); Isabel González Rey (2007) e Nicole Delbecque (2008) Estas pesquisadoras apontam, em linhas gerais, a **idiomaticidade** e a **fixação** como os principais traços distintivos dos grupos fraseológicos uma vez que são “cristalizados, **memorizados**, prontos para uso, cujos constituintes perdem parcialmente ou totalmente suas propriedades semânticas, lexicais ou sintáticas” (NEVEU: 2008, p.167, grifo nosso). De modo geral, as pesquisas apontam, pelo menos, cinco características para a classificação das unidades fraseológicas: (a) Polilexicalidade; (b) Cristalização; (c) Opacidade; (d) Não-composicionalidade e (e) Idiomaticidade, definições e características que levamos em conta na seleção das unidades fraseológicas do Corpus de Expressões Idiomáticas de Sobral (2009), doravante CEIS-2009.

Como enunciados fraseológicos, diríamos, psicolinguisticamente, que as expressões idiomáticas são formas **memorizadas** resultantes de experiências corpóreas já vividas. E, como tais, não podem ser vistas apenas e, formalmente, como “frases feitas”, definitivamente acabadas, isto é, **frames** estocados em nossa mente, mas, substancialmente (outra vez, aqui, atualizaremos o conceito de substância de Saussure), são expressões que “metaforizam” nossas vivências

Afinal, quando evocamos as expressões idiomáticas recorremos a qual das memórias de longo prazo? Presumimos que a memória episódica, separada da semântica, desempenharia este papel psicolinguístico específico. Especificando assim, tentamos isolar a memória episódica da memória semântica, ambas, memórias declarativas de longo prazo. Para essa discussão, que não esperamos (ou esperamos?) que seja um pugilato, vamos caracterizar, aqui, mesmo com os limites de espaço, as duas memórias. Recorreremos a Stéphane Ehrlich (1979); Leonor Scliar-Cabral (1991, 2005);

Rosemeire Selma Monteiro (2001); Alain Lieury (2001) Michael W. Eysenck e Mark Keane (2007); Robert J. Sternberg (2008); Guy R. Lefrançois (2008); entre outros teóricos cuja abordagem é, explicitamente, a **cognitivista**.

Os autores supracitados apontam a memória episódica como um registro individualizado de uma informação (no caso, a unidade fraseológica denominada expressão idiomática) específico de aparecimento. Para Scliar-Cabral, “a memória episódica é necessária à conversão do conhecimento de experiências a **narrativas linguísticas**” (p.137, grifo nosso), o que equivale a dizer que as expressões idiomáticas são “narrativas linguísticas” (a que chamamos de enunciados, segundo a perspectiva de Récanati (1998) diretamente relacionadas com a memória episódica. Aventurarmos-nos a dizer que sem a memória episódica, especificamente, conectada ao fraseologismo, não poderemos, no âmbito da Psicolinguística, postular uma memória específica para a **evocação e compreensão** das expressões idiomáticas.

2. Hipóteses psicolinguísticas para idiomatismos

Para este trabalho, fizemos a constituição de um corpus de expressões idiomáticas. Ao todo, foram envolvidos em nossa pesquisa 43 entrevistadores (doravante, documentadores), que, através de entrevistas com 20 informantes, coletaram cerca de 600 unidades fraseológicas evocadas, livremente, por adultos (e crianças), residentes naquela região sobralense. Cada documentador entrevistou 10 adultos e 10 crianças. Cada adulto evocou 5 unidades fraseológicas. As crianças interpretaram expressões idiomáticas do tipo “chutar o pau da barraca”, “entrar no pau”, “meter o pau (em)” e “mostrar com quantos paus se faz uma canoa”. Testamos nos adultos hipóteses psicolinguísticas para o processamento das unidades fraseológicas.

Inicialmente, verificamos, na nossa pesquisa, a validade da hipótese de uma lista separada de expressões idiomáticas no léxico mental. Esses primeiros estudos dizem respeito ao reconhecimento de unidades fraseológicas (UFS) fora do contexto. Postulam os pesquisadores a existência de uma lista separada ou estocada de expressões idiomáticas que os falantes codificam e armazenam, de forma independente, no seu léxico mental. Como tais unidades têm um significado literal e idiomático, tornam-se ambíguas e requerem, portanto, dois modos distintos de processamento das unidades fraseológicas. Não confirmamos esta hipótese em nossa pesquisa.

O CEIS-2009 nos autoriza também a refutar esta hipótese acima. A análise das entrevistas com nossos informantes adultos de baixa instrução não nos indica qualquer nível de “ambigüidade” na hora de atribuir significado à unidade fraseológica apontada pelo entrevistador (Perguntamos assim, por exemplo, o que o senhor ou senhora entendeu da expressão “Fulano faz tempestade em copo d’água”?). A maioria dos entrevistados respondeu ao comando com resposta do tipo “É quando uma pessoa briga à toa por coisa pequena”, o que confirma a fraseologia consignada no dicionário Houaiss: “estardalhaço por motivo insignificante”.

Quando o falante evoca a expressão idiomática estocada em seu léxico mental, dá significado mais próximo ao dicionarizado e, estrategicamente, recorre, pragmaticamente, a contextos linguístico e situacional, e, assim, segundo podemos observar, aproxima-se da “interpretação correta” cristalizada no dicionário (por exemplo, na pesquisa-piloto, um falante adulto evocou livremente “Estar com a faca e o queijo na mão” e atribuiu o seguinte significado “A pessoa faz algo do jeito que ela quer ou pensa”. Ao consultarmos Houaiss e Villar (2009), a expressão idiomática tem o significado de “dispor dos meios para impor uma vontade”, o que nos levou a confirmar, assim, o significado idiomático dado pelo falante sobralense à expressão idiomática.

Através da constituição do corpus idiomático, testamos a hipótese da representação léxica foi defendida. Esta hipótese considera que as unidades ou expressões fraseológicas são estocadas e recuperadas no léxico mental como qualquer outra expressão, sem a intervenção de nenhum mecanismo especial. A hipótese parte do pressuposto de que o reconhecimento de uma unidade fraseológica desencadeia as interpretações literais e metafóricas dos frasemas, embora os experimentos sobre o reconhecimento do léxico, inspirados na velocidade das respostas dos falantes, parecem, segundo a pesquisadora, melhor indicar certa preferência pela leitura idiomática em primeiro lugar. A análise dos dados, especialmente as introspecções dos nossos entrevistados, sugere-nos que há preferência por uma interpretação figurativa dos frasemas, isto é, de não-composicionalidade, uma vez que recorrem a um tipo de memória de longo prazo, a que reconhecemos e caracterizamos, por sua especificidade, como sendo a memória episódica.

Analisamos os dados da pesquisa-piloto para a verificabilidade da hipótese do acesso direto aos frasemas. Esta hipótese decorreria de uma outra, a “Hipótese da representação léxica”. Nesta hipótese, é deslocada a ênfase de uma suposta ambigüidade fraseológica para a convencionalidade e fixação das expressões idiomáticas. Esta hipótese admite que a compreensão e a produção de uma EF seria facilitada pelo caráter fixo e institucional das unidades fraseológicas, segundo González-Rey(2007: p.26).

Durante a aplicação da pesquisa-piloto, podemos observar que a maioria dos falantes adultos não apresentou dificuldade em dar o significado ao grupo fraseológico em questão e em deduzir o significado das expressões idiomáticas a partir dos significados isolados das palavras que o compõe. O documentador ao indagar das crianças sobre “o que vocês entendem da expressão *mostrar com quantos paus se faz uma canoa?*”, as crianças responderam assim: “10 paus”, “20 paus”, “Depende da canoa, se ela for pequena ou grande”, “Eu nunca contei, mas deve ser uns vinte paus”, “Eu nunca vi ninguém fazendo uma canoa” etc (CEIS-2009). No caso das crianças, o princípio da não-composicionalidade se constitui uma estratégia essencial na interpretação dos enunciados idiomáticos. Por isso, para este artigo, levaremos em conta (mas não exclusivamente) a fixação e a idiomaticidade como traços evidentes para o reconhecimento das expressões idiomáticas e funcionam, doutra sorte, durante a tarefa de evocação livre, como

estratégias facilitadoras de acesso ao significado das mesmas ainda que não sejam as mesmas interpretações canônicas dos dicionários de idiomatismos.

A hipótese da não-composicionalidade frasêmica assume que a interpretação de uma unidade fraseológica seria, inicialmente, literal, seguida da ativação de um mecanismo específico para seu reconhecimento, a partir do momento em que o falante reconhecesse a não composicionalidade. No caso dos nossos falantes-adultos, esta hipótese foi confirmada. Todavia, não foi confirmada esta hipótese para os falantes-crianças. O que nos chamou a atenção, também, é que o princípio da não-composicionalidade não foi levado em conta pelas crianças de 6 a 12 anos. Tomando a palavra de Cuenca e Hilferty (1999, p.116), diríamos, a partir dos dados coletadas pelo CEIS-2009, que a expressão idiomática do tipo “**mostrar com quantos paus se faz uma canoa**” (fraseologia que traduz, no regionalismo brasileiro, a idéia de “dar um castigo, uma lição completa; fazer uma repreensão), aplicada aos menores, não foi interpretada como uma “metáfora morta”, dicionarizada, e sim, deram-na uma interpretação literal.

Falemos agora sobre a chamada hipótese da imagem idiomática. Esta hipótese psicolinguística presume que os aspectos psicolinguísticos da representação de imagens subjacentes às expressões idiomáticas. Foi possível confirmarmos esta hipótese durante a entrevista com os falantes-adultos de Sobral. Observamos que, durante seus relatos, fizeram referência a eventos autobiográficos, o que nos sugere um apelo à memória episódica, visto que a mesma armazena eventos ou episódios experimentados pessoalmente (STERNBERG :2008, p 174). No primeiro momento, os entrevistados afirmaram aos documentadores não ter nenhum tipo de motivação especial para evocar os frasemas. Todavia, depois de alguns segundos, recordaram episódios ou momentos específicos de sua vida e neles situaram as ocorrências das unidades fraseológicas em suas histórias de vida e cotidiano.

3. Estratégias de evocação dos idiomatismos em adultos

Havíamos solicitado aos entrevistados-adultos (homens e mulheres) que nos informassem, pelo menos, cinco expressões idiomáticas, evocadas livremente. Em seguida, fizemos o seguinte comando: “Que mecanismo especial ou estratégia o sr. ou a sra. fez para lembrar (após atenderem a solicitação do entrevistador) das expressões idiomáticas solicitadas?”.

A seguir, exemplificaremos, aleatoriamente, algumas das respostas dadas a este comando acima, por cerca de 500 falantes da microrregião de Sobral, que nos parecem indicar “pistas ou indícios psicolinguísticos” do processamento das unidades fraseológicas dos entrevistados, o que chamaríamos aqui de “metáfora central do lembrar” (CATANIA:1999, p.237), levando-nos a postular um modelo de memória (episódica) no processamento das expressões idiomáticas. Vejamos o que disseram os entrevistados quando indagados das estratégias para a recuperação das expressões idiomáticas, retidas em sua memória de longo prazo, solicitadas pelos documentadores:

- a) “Bem , quando você me pediu pra falar, eu lembrei de uma frase que **aconteceu há muito tempo atrás**” (J.N.F, 58 anos)
- b) “Busquei na memória, mas não sei explicar como isso funciona. Só que **desde criança**, meus avós já falavam essas frases” (E.B, 50 anos).
- c) “Eu acho que busquei na memória, **minha mãe falava bastante essas expressões**. De vez em quando eu também faço uso. Foi engraçado você me perguntar isso, automaticamente comecei a lembrar de várias” (A.P.S, 48 anos)
- d) “**Lembrei das badernas** que tinha quando eu morava no bairro do Alto Novo (Dom José, em Sobral) (H.D.C, 42 anos)
- e) “**Lembrei de algumas situações vividas** no cotidiano nas quais precisei utilizá-las” (A.F.R, 42 anos)
- f) “**Lembrei-me de um assassinato** que houve no meu bairro” (J.N.A, 44 anos)
- g) “Retornei ao passado, **tempo de menina** quando ouvia as pessoas falarem” (M.J.F.M, 55 anos)

As respostas dos falantes do CEIS-2009 nos evidenciam que, na perspectiva de uma teoria “*múltiplos sistemas de memória*”, há uma memória episódica durante a convocação e evocação das expressões idiomáticas. A postulação de uma memória episódica, distinta da semântica, na década de 70 do século passado, foi definida por Endel Tulving por postular uma memória episódica capaz de reter informações decorrentes de nossas experiências pessoais ou corpóreas nas diversas situações do nosso cotidiano, enquanto a memória semântica tem um caráter mais enciclopédico, como, por exemplo, somos capazes de lembrar, com riqueza de detalhes o dia em que um amigo bateu as botas”, isto é, morreu. Entender que morrer significa “perder a vida; finir-se, falecer, expirar” resulta de nossa memória enciclopédica ou semântica. Numa palavra, diríamos que pela teoria de multiarmazenamento da memória de longo prazo, definiríamos a memória episódica como aquele tipo que armazena informações (definição aplicável ao processamento das unidades fraseológicas) dentro de um contexto determinado e limitado no tempo e no espaço. .

Robert J. Sternberg (2008) ao falar sobre a memória episódica afirma que apreendemos **listas de palavras** (grifo nosso) quando precisamos recordar algo que nos ocorreu em um determinado momento ou em um contexto específico” (p.174).

No caso das lembranças das unidades fraseológicas pelos entrevistados-adultos do CEIS-2009, postulamos que a memória episódica vem à tona conforme podemos ler nos relatos orais dos falantes adultos do CEIS-2009 (posteriormente transcrito para o papel) durante suas introspecções. Um exemplo bem ilustrativo do que acabamos de afirmar, pode ser dado no caso em que um único documentador chegou a registrar para a constituição do nosso corpus idiomático 15 ocorrências de unidades fraseológicas que trazem na sua combinatória o lexema “boca”. A esse respeito, Alain Lieury (2001, P.95) defende uma espécie de “teoria do encaixe da memória episódica na memória semântica”, postulação, aos nossos olhos, bastante razoável. Na verdade, a esse respeito, levantamos esta interrogação: *as expressões idiomáticas memorizadas no léxico mental do falante resultariam de um encaixamento da memória episódica na memória semântica?*

Sabemos que é bastante polêmica a tese de distinção entre as duas memórias (semântica e episódica. Os dados empíricos levam-nos a supor que a existência de uma memória episódica é um fato, mas o que resta saber é se é ou não uma forma especializada de memória semântica ou declarativa, ou, se estas resultariam da própria memória episódica. Os dados também indicam que a memória episódica se constitui um mecanismo ou estratégia específica de codificação, armazenamento e recuperação das unidades fraseológicas, especialmente as expressões idiomáticas. As expressões idiomáticas seriam codificadas com “assimetria sintagmática” por interferência da memória episódica. O CEIS-2009 aponta, por exemplo, a assimetria de codificação/recuperação hemisférica, o que podemos constatar através de variantes idiomáticas (por exemplo, as frases feitas geradas a partir do substantivo “boneco” - ainda não lexicalizada nos dicionários de referência como Houaiss ou Aurélio), que traduzem bem a idiossincrasia dos cearenses de Fortaleza, graças aos programas populares de televisão). O CEIS-2009 traz amostras dessa assimetria sintagmática como botar/botando, incluindo intensificadores como “muito”, em frases do tipo ” “Ele está **botando boneco**”; “Eu não gosto de quem **bota boneco** à toa.” e Meu irmão **bota muito boneco** quando tá bêbado”.

Os estudos de José Alves Fernandes (2000) nos sugerem essa “assimetria idiomática” através de um copioso registro de “formas opcionais representadas por inúmeras lexias compostas e complexas, constitutivas de adágios, ditos proverbiais e expressões fraseológicas” (p.12). Fernandes cita, por exemplo, as seguintes “formas opcionais” (na verdade, variantes fraseológicas): “com quantos paus se faz uma cangalha/com quantos paus se faz uma jangada/de que pau é a canoa”. É o fraseologismo, condicionado por fatores sociais e culturais, que evidencia, nos lugarejos, distritos, metrópoles, cidades interioranas, nos estados e no país, os traços idiomáticos e idiossincrásicos de determinado grupo sociocultural.

Eis então uma amostra de um minivocabulário de expressões idiomáticas motivadas por temas relacionadas com a violência evocadas por adultos durante a constituição do corpus de nossa pesquisa-piloto:

Tabela 1. Idiomatismos relacionados à violência

lexemas	idiomatismos	significado idiomático
água	ferver em pouca água	zangar-se, irritar-se facilmente ou por motivos insignificantes
cabeça	perder a cabeça	perder a calma, agir irrefletidamente
cabeça	querer a cabeça de	(1) querer a captura e/ou a morte de (alguém) e (2) exigir a demissão de (alguém)
cabelo	de cabelo na(s) venta(s)	(1) decidido, ousado, valente e (2) irritadiço, mal-humorado; brigão
cachorro	soltar os cachorros	expressar ira, mau humor; comportar-se com agressividade
cachorro	soltar os cachorros em ou para cima de	dirigir-se (algo ou alguém) agressivamente e esp. vociferando; insultar, admoestar
cadáver	passar por cima do cadáver de	matar
cão	viver como cão e gato	viver às turras; estar sempre brigando
cara	cara de tacho	expressão de rosto encabulada ou aturrida, diante de fato inesperado e/ou desagradável
cu	ficar com o cu na mão	ficar apavorado, cheio de medo
dente	mostrar os dentes a	demonstrar agressividade a (alguém)

faca	pôr a faca no peito de	exigir uma atitude de; constranger, encostar na parede
falar	falar grosso	mostrar-se duro, irredutível ou autoritário (com outrem) (2) bancar o valente; não se intimidar
fava	mandar às favas	mandar embora, livrar-se de (alguém ou algo que importuna ou atrapalha); mandar pentear macacos
grito	no grito	de modo violento, à força; na marra
lenha	deitar ou pôr lenha na fogueira	açular uma disputa, um desentendimento
mãe	falar na mãe de	ofender (alguém), insultando-lhe a mãe
mão	dar a(s) mão(s) à palmatória	reconhecer ter sido vencido ou estar enganado
mão	levantar a(s) mão(s) para	tentar bater em
medo	não ter medo de caretas	não se deixar intimidar
onça	ficar uma onça	mesmo que: virar onça
onça	virar onça)	ficar irado, enfurecido; ficar uma onça
osso	osso duro de roer	(1) diz-se de pessoa destemida, valentona; carne de pescoço e (2) penoso de suportar, aceitar etc.
pato	pagar o pato	(1) sofrer as consequências de atos praticados por outra pessoa e (2) pagar as despesas feitas por outra pessoa
pau	chutar o pau da barraca	deixar de medir as consequências de qualquer ato; engrossar, entornar o caldo
pau	quebrar o ou um pau	haver briga, desentendimento e/ou desforço pessoal
pau	mostrar com quantos paus se faz uma canoa	dar um castigo, uma lição completa; fazer uma repreensão
pau	ficar pau da vida	ficar furioso
pau	cantar o pau	ocorrer pancadaria, briga; comer o pau
pau	entrar no pau	apanhar uma sova ou lutar
pau	escreveu não leu o pau	se o combinado não for cumprido, haverá punição
pegar	pega pra capar	grande tumulto ger. com agressões físicas
prato	cuspir no prato em que comeu	demonstrar ingratidão
prato	pôr em pratos limpos	aclarar (uma questão, um fato confuso e suspeito), sem deixar nenhuma dúvida; esclarecer, deslindar
pua	sentar a pua	(1) ser ríspido ou violento; agredir (2) agir com determinação, energia; mandar brasa
puto	puto da vida	zangado, irritado; pê da vida, puto
puto	ficar puto	ter muita raiva ou irritação; zangar-se, irar-se
rabo	meter o rabo entre as pernas	ficar calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado
rabo	ter o rabo preso	ter o que esconder por agir de modo impróprio
raça	acabar com a rabo de (alguém)	matar, destruir
saco	encher o saco	enfadar(-se), chatear(-se), amolar(-se)
saco	de saco cheio	enfasiado, amolado, aborrecido.
saco	com (ou sem) saco	com (ou sem) paciência e/ou disposição para algo

sangue	ferver o saco a	experimentar um profundo sentimento de indignação, revolta
sangue	ter sangue nas veias	mesmo que: ter o sangue quente
sangue	ter sangue de barata	não reagir a provocações e ofensas
sangue	ter sangue na guelra	mesmo que: ter o sangue quente
sangue	subir o sangue à cabeça (perder a serenidade; enfurecer-se

Eis uma pequena amostra da interpretação dada por crianças na primeira infância à expressão idiomática **“mostrar com quantos paus se faz uma canoa”**

Tabela 2. Compreensão idiomática em crianças cearenses

Mostrar com quantos paus se faz uma canoa	
Nome das crianças e idade	Interpretação (literal/idiomática)
M.L, 06 anos	1000 paus
C.P, 06 anos	60 paus
T.F, 10 anos	um ditado popular para aquietar as pessoas
M.J, 06 anos	que eles querem brigar
F.A, 06 anos	14 paus
J.D, 06 anos	porque eles estão com raiva (vi na tv)
A.S, 06 anos	3 paus
M.D, 06 anos E.M, 10 anos	4 paus quando está com raiva de mim

4. Considerações finais

A análise dos dados coletados nos leva a postular que os falantes da microrregião sobralense recorrem à memória episódica para a evocação das unidades fraseológicas, especialmente as expressões idiomáticas, mais cristalizadas e memorizadas, na cultura popular.

Os dados empíricos contidos no corpus de expressões idiomáticas indicam que entrevistados-adultos, durante o processamento das unidades fraseológicas, acessam à memória episódica uma vez que evocam lembranças de coisas acontecidas no meio social, em contraste com a memória semântica que não leva em conta o **tempo** no armazenamento das informações:

O processamento das expressões idiomáticas nos sugere a distinção entre a memória episódica e a memória semântica. A recordação das expressões idiomáticas pelos falantes sobralenses indica que os mesmos recorrem à memória episódica, que contém informações sobre eventos específicos (manifestações de violência) dentro do contexto de outros eventos de vida de cada falante. A memória semântica, por sua vez, está presente na recordação das expressões idiomáticas à medida que implica em conhecimento do mundo ou cosmovisão do falante, envolvendo, assim, os fatos, os conceitos, as regras e os significados.

Com base nas afirmações de Guy R. Lefrançois (2008,) sobre a memória episódica e a memória semântica, definimos a semântica como conhecimento estável sobre o mundo e por episódica o conjunto de conhecimento que diz respeito à memória pessoal dos fatos vividos pelo indivíduo, não sendo, pois, abstratas, mas memórias específicas ligadas ao tempo e espaço, também, chamada por Lefrançoise, de *memória autobiográfica* uma vez que “sempre envolve a pessoa num certo tempo e espaço” (p.320), características que podemos comprovar nos frasemas coletados pelo CEIS-2009.

Durante o relato dos falantes-adultos, no CEIS-2009, constatamos que ao fazerem uma introspecção sobre estratégia para recorrerem, livremente, à memória, afirmaram ter uma espécie de *déjà-vu*, isto é, acreditam ter “vivido” alguma coisa com relação ao frasema : “relembrei coisas do passado ou algo que alguém me falou, ou até mesmo que eu falei para certas pessoas” (I.F.S, 32 anos) ou do tipo “Tenho lembrança que devo ter ouvido no decorrer da vida” (P.F.S, 43) ou “Deve ser porque vivi um fato interessante”. (A.G.N, 53)

Quanto aos falantes-crianças, presentes no CEIS-2009, a variante “idade” é reveladora do grau de interpretação literal e não literal das fraseologias, especialmente quando as crianças maiores recorrem a estratégias do contexto para dar significado a frases do tipo “Mostrar com quantos paus se faz uma canoa”.:”Ah! Minha vó diz isso **quando** está brava, mas nunca perguntei o que é” (M.R.C, 6 anos); “ A minha mãe fala **quando** quer me contrariar” (B.A.S, 10 anos); “Se diz isso quando duas pessoas estão com muita raiva uma da outra, e começam a discutir” (M.W.S,S, 10 anos) e “**No dia** que minha mãe falou isso pra mim foi porque ela tava com raiva porque eu não tinha feito minha atividade de casa, ela estava furiosa e **me colocou** de castigo” (G.P.L, 8 anos).

Referências

- Catania, A. Charles (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artmed.
- Coseriu, Eugenio (2007). *Linguística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido*. Madrid: Arco/Libros.
- Cuenca, Maria Josep & Hilferty, Joseph (1999). *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel Lingüística.
- Delbecque, Nicole (2008). *A lingüística cognitiva: compreender como funcionar a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dubois, Jean et ali. (Org.). (1993). *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix.
- Ducrot, Oswald. (1987). *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Ponts.
- Ehrlich, Stéphane (1979). *Aprendizagem e memória humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Eysenck, Michael W. & Keane, Mark. T. (2007). *Manual de psicologia cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Fernández, Gretel Eres et ali. (Org.).(2004). *Expresiones idiomáticas: valores y usos*. São Paulo: Ática.
- Fernandes, José Alves (2000). *Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa*. Fortaleza: EUFC.
- González-Rey, Maria Isabel. (2007). *Adquisición de las expresiones fijas: metodología y recursos didácticos* [Idioms Acquisition methodology and didactic resources]. Fernelmont: E.M.E.
- Houaiss, Antônio & Villar, Mauro de Salles. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lefrançois, Guy R. (2008). *Teorias da aprendizagem*. São Paulo: Cengage Learning,
- Lieury, Alain (2001). *Memória e aproveitamento escolar*. São Paulo: Loyola.
- Monteiro, Rosemeire Selma (2001). *A estruturação da memória semântica: os desafios do letramento e da escolarização*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC.
- Müller, R. & Gibbs Jr, R. (1987). Processing idioms with multiple meanings. *Journal of Psycholinguistic Research*, 16(1), 61-81.
- Neveu, Franck (2008). *Dicionário de ciências da linguagem*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Ortiz-Alvarez, M. L. *Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE*. Disponível em: http://www.let.unb.br/mlortiz/documentos/artigos/artigos_pdf/fraseologia/pdf . Acesso em: 17/07/2009.
- Récanati, Françoise. Conteúdo semântico e conteúdo cognitivo dos enunciados. In: D. Andler (Org.), *Introdução às ciências cognitivas* (pp. 211-235). São Leopoldo: Unisinos.
- Reuter, Yves (2007). *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Saussure, Ferdinand de (1995). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
- Seliar-Cabral, Leonor (2005). Linguagem e cognição no processamento verbal. In: N. S. Miranda & M. C. Name (Org.), *Linguística e cognição* (pp. 211-219). Juiz de Fora: UFRJ.
- Seliar-Cabral, Leonor (1991). *Introdução à psicolinguística*. São Paulo: Ática.
- Sternberg, Robert J. (2008). *Psicologia cognitiva*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Tagnin, Stella E. O. (2005). *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas. Inglês e português*. São Paulo: Disal.
- Thompson, Richard F. (2007). *O cérebro: uma introdução à neurociência*. 3. ed. São Paulo: Santos.